

---

## Representação de gênero na cobertura televisiva do suicídio: Uma análise de conteúdo de telejornais brasileiros<sup>1</sup>

Eduarda ENDLER<sup>2</sup>

Cristiane FINGER<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a representação de gênero na cobertura televisiva do suicídio no Brasil, a partir de telejornais de grande audiência. A ideação e tentativa é mais comum entre mulheres, enquanto homens, especialmente negros, têm maior incidência de suicídios. Utilizando Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), pretende-se analisar a abordagem do suicídio segundo o gênero e as narrativas construídas sobre as vítimas, além de como a prevenção do suicídio é tratada. O *corpus* abrange reportagens de setembro de 2023 e deseja colaborar sobre a interseção entre suicídio (Bertolote, 2012), gênero (Beauvoir, 2019) e mídia televisiva, enfatizando a necessidade de uma abordagem sensível e responsável (Moraes, 2022).

**PALAVRAS-CHAVE:** Suicídio; gênero; mídia; jornalismo; telejornalismo.

### INTRODUÇÃO

Conforme a Organização Mundial da Saúde, o suicídio é um grave problema de saúde pública e, atualmente, mais de 700 mil pessoas suicidam-se mundialmente, o que representa uma a cada 100 mortes registradas. No Brasil, a taxa de suicídio entre homens é significativamente maior que entre mulheres, com 10,7 óbitos por 100 mil homens, em comparação a 2,9 óbitos por 100 mil mulheres. O fato é que os homens morrem mais por suicídio, enquanto as mulheres apresentam mais ideação e tentativa, sendo mais afetadas pelo comportamento suicida. Entre 2010 e 2018, 68% das 338.569 notificações de tentativas de suicídio no Brasil ocorreram entre mulheres.

Para entender essa diferença entre os gêneros no fenômeno do suicídio, pretende-se analisar a construção social dos papéis de gênero na sociedade patriarcal,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS. Jornalista formada pelo Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS. [eduarda.lopes90@edu.pucrs.br](mailto:eduarda.lopes90@edu.pucrs.br).

<sup>3</sup> Professora Titular do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Televisão e Audiência (GPTV); Integrante da REDE TELEJor; Conselheira Regional Sul INTERCOM. [cristiane.finger@pucrs.br](mailto:cristiane.finger@pucrs.br).

---

com relações de poder entre homens e mulheres, além da subordinação e opressão sofrida por elas, vistas como “o outro” (Beauvoir, 2020). Essas diferenças e desigualdades moldam os padrões da sociedade e, conseqüentemente, podem influenciar no comportamento suicida.

Utilizando Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), o trabalho examinará telejornais de grande audiência no Brasil: Jornal Nacional, da TV Globo; Jornal da Record, da Rede Record; SBT Brasil, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT); e Jornal da Band, da Rede Bandeirantes, a partir de dois fios condutores: o primeiro, em relação à abordagem do suicídio de acordo com o gênero e as narrativas que são construídas sobre as vítimas; e o segundo, sobre a conduta da prevenção do suicídio (Bertolote, 2012). Elaborando assim um análise das interseções entre suicídio, gênero e mídia televisiva, para indicar uma abordagem responsável e sensível destes temas.

## **METODOLOGIA**

Para a realização deste trabalho, será utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo. Conforme Bardin (2011), esse tipo de procedimento metodológico tem como objetivo superar a incerteza, questionando se a leitura é válida e generalizável; e, assim enriquecer a leitura, procurando demonstrar o propósito das mensagens e o esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir uma descrição de mecanismos.

O conjunto de técnicas de análise de comunicação visa entender o que está por trás das palavras, a partir de significados e significantes, análise da temática e dos procedimentos, respectivamente. Como fases para análise de conteúdo, como a usada para o inquérito sociológico ou a experimentação, Bardin (2011) organizou três tópicos: a pré-análise, a fase da organização, onde o autor seleciona os documentos que serão submetidos a análise, além dos objetos e hipóteses que sustentam o trabalho final; a exploração do material, que consiste na aplicação sistemática das decisões tomadas da pré-análise, com uma edição formal, que tem como objetivo facilitar a manipulação da análise; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, quando, com os resultados, pode-se propor interpretações dos dados adquiridos, permitindo estabelecer

quadros, figuras, diagramas e modelos que explicitam as informações fornecidas pela Análise de Conteúdo.

Seguindo a metodologia de Bardin (2011), o *corpus* deste trabalho levará em consideração reportagens exibidas pelos telejornais selecionados, durante o mês de setembro de 2023, marcado pela campanha de prevenção do suicídio, Setembro Amarelo.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Até o século XVII, o suicídio era um tema de interesse predominantemente teológico, religioso e filosófico. Só do século XVIII em diante que o ato de tirar a própria vida passou a ser considerado patológico. Para a OMS, o suicídio pode ser classificado como um:

ato deliberado, intencional, de causar a morte a si mesmo, ou, em outras palavras, um ato iniciado e executado deliberadamente por uma pessoa que tem a clara noção (ou uma forte expectativa) de que dele pode resultar a morte, e cujo desfecho fatal é esperado (OMS apud BERTOLOTE, 2012, p. 21).

Conforme Bertolote (2012), do ponto de vista fenomenológico, o suicídio é um processo que inicia sem considerações definidas sobre a morte ou sobre morrer, o que é entendido como ideação suicida. A partir disso, as considerações podem adquirir consistência e evoluir para uma elaboração, um plano suicida, culminando, ou não, em um ato, cujo desfecho pode ser fatal, o suicídio em si, ou não, a tentativa de suicídio. Para o autor, esse último caso é “um ato de auto agressão deliberado com a intenção de pôr fim à vida, cujo desfecho, porém, não é fatal (Bertolote, 2012, p. 24)”. A auto agressão, para o autor, deve ser classificada como um ato deliberado de provocar uma lesão ou intoxicação em si mesmo, com ou sem intenção de pôr fim à vida, cujo desfecho, porém, não é fatal. Além disso, ele salienta que toda tentativa deve sempre ser levada sério, tanto pelas consequências clínicas quanto por ser um importante fator de risco, que indica outras tentativas e um suicídio consumado no futuro.

Entretanto, com algumas mudanças na estrutura e valores sociais, além da maior disponibilidade de meios mais letais, ocorreu uma diminuição das linhas de demarcação entre os dois grupos (suicídio e tentativa de suicídio). Por isso, conforme Bertolote, a partir dos anos 1990, com influência de psicólogos norte-americanos, nasceu uma

---

tendência de usar o termo “comportamento suicida” para classificar os fenômenos acima descritos.

Apesar de haver um grande número de estudos acerca do suicídio, poucos focam na violência autoprovocada por mulheres. Por muito tempo, o ato já foi até mesmo determinado com conceitos que reforçam a masculinidade, com coragem, virilidade, força e moral: “A sociedade medieval, dirigida por uma casta militar e sacerdotal, está em conformidade consigo mesma ao transformar em norma moral e ideal cavaleiresco e a busca do sacrifício cristão (Minois, 2018, p 13)”. Ou seja, o suicídio dos homens assumiu um significado de martírio ou de heroísmo na Idade Média.

Enquanto isso, os suicídios de mulheres não tiveram espaço para reflexão, o que abre espaço para discussões de patriarcado, subordinação e opressão e, conseqüentemente, como essa sociedade dominante pode levar “o outro” ao desespero e à falta de oportunidades. Essa falta de oportunidade e desesperança, para Beauvoir (2019), podia até mesmo levar à extremos, incluindo os pensamentos suicidas enquanto forma de escapar de uma vida que não é suportável.

Desde cedo o movimento feminista, que sempre esteve entrelaçado com o surgimento de uma mídia alternativa, percebeu na mídia um papel para a construção dos estereótipos de gênero. Para entender o papel do jornalismo nesta cobertura, Moraes (2022) explica que a pauta é o lugar de produzir a complexificação, entretanto, ela ainda é pouco teorizada, sendo ela “a consolidação do conceito, da abordagem e das perguntas que uma profissional da imprensa (e da comunicação, de maneira mais ampla) faz das coisas do mundo (Moraes, 2022, p. 10)”.

Ela exemplifica a pauta como a coluna vertebral da notícia, que dá forma ao conteúdo oferecido ao público. Assim, é necessário pensar nos conceitos, abordagens e perguntas realizadas sobre as questões que interrogam socialmente.

Assim, tanto os elementos presentes na concepção de uma reportagem quanto aqueles que foram descartados são sempre escolhas políticas e, sim, também arbitrárias. Toda pauta organiza e desorganiza visibilidades e invisibilidades, toda pauta hierarquiza e desierarquiza vozes e representações, toda pauta estrutura e desestrutura discursos. Toda pauta é uma arma e, sendo assim, toda pauta também pode ser uma arma de combate: ela pode servir para ir de encontro a uma desumanização também alimentada pelo próprio jornalismo. É uma tecnologia à disposição de um agir (MORAES,2022, p. 10) .

Dessa forma, há um espaço para produzir uma abordagem complexificada dos fatos cotidianos, sejam eles inéditos, sejam eles questões sociais com as quais a

---

sociedade convive há tempos e que já parecem ordinárias. “Penso que estas, pelo grau de naturalização que nos adquirem ao se perpetuarem no dia a dia, são as que mais desafiam o olho do jornalista (Moraes, 2022, p. 10)”.

## CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

A mídia ainda possui um papel central na formação de opiniões que levam a certas atitudes. Dessa forma, ao analisar como os telejornais abordam o suicídio pela perspectiva de gênero, é possível revelar como narrativas são construídas e se há um cuidado nesta abordagem.

Conforme os dados trazidos na pesquisa, as mulheres tendem a ser mais afetadas pela violência autoprovocada, como automutilação e tentativas de suicídio, enquanto os homens, especialmente os negros, são as principais vítimas de suicídio consumado. Este contraste exige uma abordagem diferenciada na cobertura jornalística, que deve ser sensível às nuances de cada grupo, evitando estereótipos e simplificações da violência.

Neste sentido, estudo pode indicar como a mídia pode aprimorar sua cobertura sobre o suicídio, considerando as complexidades de gênero e com uma abordagem ética, empática e responsável. Isso não só contribui para a conscientização e a educação do público, mas também deve influenciar positivamente as políticas públicas e as práticas de saúde mental com foco em gênero. Uma abordagem cuidadosa e informada pela mídia é essencial para combater o estigma e fornecer suporte adequado às vítimas de ideação e tentativas de suicídio, assim como para prevenir novos casos.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurance. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BERTOLETE, J. M. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Unesp, 2012.
- MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.
- World Health Organization (WHO). **Prevenção do Suicídio: Manual para profissionais da mídia**. Genebra, 2000. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67604/WHO\\_MNH\\_MBD\\_00.2\\_por.pdf;jsessionid=22D82B13D7D8B3974A957F6AE4A21D83?sequence=7](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67604/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf;jsessionid=22D82B13D7D8B3974A957F6AE4A21D83?sequence=7). Acesso em: 17 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. **Suicide worldwide in 2019: global health estimates**. Genebra, 2020:  
Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>. Acesso em 22  
jun. 2024.